

ISSN 0101 - 3335

LETRAS DE HOJE

Nº 138

DEZEMBRO DE 2004



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Curso de Pós-Graduação em Letras



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS - PUCRS

Chanceler

Dom Dedeus Grings

Reitor

Professor Norberto Francisco Rauch

Vice-Reitor

Professor Joaquim Clotet

Pró-Reitor de Administração

Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Professora Solange Medina Ketzner

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Professor Urbano Zilles

Pró-Reitor de Extensão Universitária

Professor Paulo Roberto Girardello Franco

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários

Professora Helena Willhelm de Oliveira

Diretor da Revista

Prof. Elvo Clemente

Conselho Editorial**para Assuntos Lingüísticos**

José Marcelino Poersch, Leonor Sclar Cabral,

Leci Borges Barbisan, Regina Ritter Lamprecht,

Lêda T. Martins, Carmem Lúcia M. Hernandezena

Conselho Editorial**para Assuntos Literários**

Gilberto Mendonça Telles, Petrona Dominguez

de Rodríguez Pasqués, Regina Zilberman, Urbano

Zilles, Maria Eunice Moreira, Carlos Alexandre

Baumgarten

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

Assinatura anual - Preços 2004:

Brasil _ _ _ _ _ R\$38,00

Exterior _ _ _ _ _ US\$34,00

Número avulso _ _ _ _ _ R\$12,00

Formas de pagamento:

Cheque nominal à
EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS - BR

E-mail: edipucrs@pucrs.br

www.pucrs.br/edipucrs/

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje

Pós-Graduação em Letras - PUCRS

A/c Prof. Elvo Clemente

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

A Revista aceita permutas

On demande l'échange

We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

Composição:

SULIANI

Impressão:

EPECÊ

L649 LETRAS DE HOJE/Curso de Pós-Graduação em Letras
PUCRS, -n.1 (out. 1967)-, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1967 -

v.; 22cm

Trimestral

ISSN 0101-3335

1. Lingüística - Periódicos. 2. Literatura - Periódicos

I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Letras.

CDD 405

805

CDU 8(05)

Publicação indexada em CLASE (Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades)

Índices para Catálogo Sistemático

Lingüística: Periódicos 80(05)

Literatura: Periódicos 82/89 (05)

Periódicos: Lingüística (05)80

Periódicos: Literatura (05) 82/89

ISSN 0101-3335

Letras de Hoje

Estudos e debates de assuntos de lingüística,
literatura e língua portuguesa

COLÓQUIO LEITURAS DE ÉMILE BENVENISTE

Organizadores:
Valdir do Nascimento Flores
Leci Borges Barbisan
Marlene Teixeira

Sumário

Apresentação	
<i>Valdir do Nascimento Flores, Leci Borges Barbisan e Marlene Teixeira</i>	5
Sessão de abertura	
<i>Marlene Teixeira</i>	7
Contrato de comunicação, estratégias enunciativas e organização do discurso	
<i>Maria Eduarda Giering</i>	9
Uma proposta de análise em sintaxe da enunciação	
<i>Elisângela Rosa dos Santos</i>	19
O "Retorno a Saussure" de Benveniste: a língua como um sistema de enunciação	
<i>João Fernando de Moraes Trois</i>	33
Linguística/Literatura: um diálogo possível?	
<i>Juciane dos Santos Cavalheiro</i>	45
Benveniste e a noção de disciplina: o espaço da linguística da enunciação	
<i>Karina Giacomelli</i>	55
<i>Língua e fala: conceitos produtivos de teorias enunciativas</i>	
<i>Leci Borges Barbisan</i>	67
Benveniste, um linguísta que interessa à clínica de linguagem	
<i>Luíza Milano Surreaux</i>	79
A Teoria da Enunciação e a escrita	
<i>Magali Lopes Endruweit</i>	89

Terminologia e lingüística de corpus: da perspectiva enunciativa aos novos enfoques do texto técnico-científico. <i>Maria José Bocorny Finatto</i>	97
Benveniste: um talvez <i>terceiro gesto</i> ? <i>Marlene Teixeira</i>	107
Em busca de uma lingüística que <i>sirva para viver</i> <i>Myriam Cadorin Dutra</i>	121
Em busca de um conceito de língua em Teorias da Enunciação <i>Neiva Maria Tebaldi Gomes</i>	137
A enunciação em Benveniste e em Ducrot <i>Nerci D'Ávila</i>	151
A pessoalização do pronome <i>a gente</i> sob a perspectiva da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste <i>Paulo R. S. Borges</i>	163
A sintaxe da língua em Benveniste: questões metodológicas <i>Silvana Silva</i>	173
Para o estudo da sintaxe da enunciação <i>Sônia Lichtenberg</i>	185
O lugar epistemológico da não-pessoa no quadro teórico da enunciação <i>Thaís Weigert</i>	197
A fala da criança sob um olhar enunciativo <i>Carmem Luci da Costa Silva</i>	209
Por que gosto de Benveniste? (Um ensaio sobre a singularidade do homem na língua) <i>Valdir do Nascimento Flores</i>	217
Sujeito e sentido em Bakhtin e Benveniste: os pontos de contato <i>Vera Lúcia Pires</i>	231

Apresentação

Tem sido comum a referência, em eventos da área de Estudos da Linguagem, à Lingüística da Enunciação (em geral) e à teoria de Émile Benveniste (em particular). A partir da constatação dessa realidade, impôs-se a necessidade de aprofundar os estudos em torno da obra de Benveniste.

Como esta publicação demonstra, entre nós há significativo número de pesquisadores, oriundos de diferentes instituições, que têm na obra de Benveniste um ponto de ancoragem. O Colóquio *Leituras de Émile Benveniste* demonstrou isso na sua mais nítida amplitude. Importa lembrar que os integrantes deste evento foram convidados a dele participar em função da qualidade do trabalho que realizam e da originalidade que imprimem à pesquisa que fazem. Assim, tratou-se efetivamente de um "colóquio", no sentido próprio da palavra, pois nele teve lugar o diálogo, o debate e a vontade de saber. Este Colóquio, portanto, não foi mais que um fórum de debates em torno da obra de um dos principais lingüistas do século XX.

Na sua primeira edição o Colóquio não contou com público externo, ou seja, todos os participantes ali estavam para expor suas idéias e para vê-las debatidas. Para a próxima edição – que, espera-se, seja em breve – este modelo poderá ser revisto a partir das sugestões de todos.

De um ponto de vista objetivo, com o Colóquio *Leituras de Émile Benveniste* pretendeu-se:

- criar um fórum de debates em torno da teoria da enunciação desenvolvida por Émile Benveniste e sua relação com o campo da Lingüística da Enunciação;
- avaliar os desdobramentos da Lingüística da Enunciação quanto a aspectos teóricos e metodológicos;

- c) propor interfaces da Lingüística da Enunciação com outras áreas dos estudos da linguagem;
- d) estudar as relações entre a Lingüística da Enunciação e outras áreas de conhecimento.

As comunicações versaram sobre um dos seguintes temas:

- a) aspectos epistemológicos da teoria da enunciação de Émile Benveniste;
- b) teoria da enunciação e suas relações com outras áreas de estudo;
- c) teoria da enunciação e outros níveis de análise da linguagem;
- d) aspectos metodológicos em Lingüística da Enunciação;
- e) relações entre o pensamento Émile Benveniste e o de outros autores.

Enfim, agradecemos a presença de todos que atenderam ao nosso convite, à Tanara Zingano Kuhn, nossa bolsista, e, especialmente, à PUCRS pelo apoio sem o qual este evento não poderia ter sido realizado.

Organizadores
VALDIR DO NASCIMENTO FLORES
LECI BORGES BARBISAN
MARLENE TEIXEIRA

Porto Alegre 19 e 20 de agosto de 2004

1º Colóquio *Leituras* de *Émile Benveniste*

– Sessão de Abertura –

Bom dia a todos. Em nome dos organizadores deste encontro, gostaria de dar as boas-vindas a vocês, agradecendo a presença, a adesão à proposta, a confiança, a solidariedade, e sobretudo, o comprometimento, traduzido na excelência dos trabalhos apresentados a discussão.

Causou estranheza a forma como escolhemos nos reunir nesses dois dias em torno da obra de Benveniste. De fato, um colóquio fechado, com poucos participantes para discutir um só autor está na contramão do que se pratica hoje em dia: grandes eventos, com conferências sobre temas abrangentes para platéias imensas, seguidas de sessões simultâneas de apresentação de trabalhos, que, por serem numerosas, freqüentemente, resultam esvaziadas.

A idéia do colóquio tenta recuperar o princípio da intersubjetividade na discussão acadêmica. E o que está em jogo na comunicação intersubjetiva? O vai-e-vem da fala entre “eu” e “tu”, ou seja, a reversibilidade, o reconhecimento mútuo do direito ao uso do “eu”. Por isso aqui viemos com nossos textos inacabados, abertos ao exercício da escuta, à espera do olhar do outro, para intervir e sofrer intervenção; não como platéia, mas como atores comprometidos em colocar a “mão na massa”. O que nos moveu foi, então, o desejo de instituir um formato alternativo (e necessário) de discussão acadêmica.

Por que falar de Benveniste? A verdade é que, apesar de haver hoje uma espécie de *efeito Benveniste*, isso não significa que ele tenha deixado de *pregar no deserto*. Muitas das referências são para dar-lhe um lugar na história das idéias como aquele que teve o mérito de inserir o sujeito nos estudos lingüísticos, mas pecou gra-

Contrato de comunicação, estratégias enunciativas e organização do discurso

Maria Eduarda Giering*

Resumo – A Semiologia constrói seu modelo de competência de linguagem, partindo do postulado da subjetividade na linguagem, mas ao adotar uma perspectiva comunicativa de análise de discurso, investe na noção de contrato de comunicação, condição para que os parceiros de um ato de linguagem se compreendam minimamente e possam interagir. Para Charaudeau, Benveniste não define se o locutor é um ser psicológico e social ou um puro ser da linguagem. Por isso, o lingüista postula um modelo de comunicação com dois espaços, um externo e outro interno, enfocando, assim, o ato de comunicação como um fenômeno que combina o fazer (instância situacional) e o dizer (instância discursiva). Considerando os circuitos interno e externo da linguagem, o lingüista postula a existência de quatro tipos de sujeitos, os chamados parceiros e os protagonistas. Esses últimos assumem diferentes faces de acordo com os papéis que lhes são atribuídos pelos parceiros do ato de linguagem em função da relação contratual. Charaudeau liga a noção de contrato à hipótese de intersubjetividade proposta por Benveniste e ao postulado da polaridade das pessoas. Charaudeau organiza um modelo de competência de linguagem, com três tipos de competência para o sujeito em três níveis: o situacional, o discursivo e o semiolingüístico. Na elaboração da ordem enunciativa do modelo, o lingüista remete à noção conceitual de Pessoa, citando diretamente Benveniste. Na Semiologia, a noção de contrato é fundamental, remetendo a uma teoria dos gêneros, pois, para Charaudeau, o conjunto de coerções trazidas pelo contrato é o que define um gênero de discurso.

Neste artigo, procurarei mostrar que a Semiologia constrói seu modelo de competência de linguagem, partindo do postulado da subjetividade na linguagem de E. Benveniste, mas, ao adotar

* Programa de Pós-Graduação em Língua Aplicada da UNISINOS.
e-mail: eduarda@zaz.com.br

vemente ao propor uma interpretação psicológica da subjetividade.

Observa-se uma domesticação do pensamento de Benveniste, especialmente no que diz respeito aos textos reunidos sob o título "O Homem na Língua". Instituir roteiros cristalizados de interpretação de uma teoria, apresentar seus enigmas como já decifrados é um modo de silenciá-la. Acharmos que é preciso intervir nessas políticas de leitura, buscar desengendrar os percursos "seguros", e, acima de tudo, trazer à discussão o que pensadores como Paul Ricoeur, Roland Barthes, Lévy-Strauss e Lacan perceberam desde sempre: ao tratar de algumas particularidades dos pronomes, das pessoas gramaticais, do verbo francês, Benveniste não está apenas se ocupando de aspectos avulsos de morfologia e sintaxe. Sob a descrição lingüística miúda e pormenorizada, estão colocadas questões de interesse muito amplo.

Benveniste não é apenas um autor que não nos cansamos de reler; é também um fundador de discursividade. A extraordinária potência de seu pensamento permite a produção de conhecimentos, em diferentes campos, como bem atestam os trabalhos que aqui serão discutidos.

Nossa vontade é que este encontro efetivamente seja um espaço para exposição de idéias, interrogações e dúvidas. E que anuncie outros.

Bom trabalho a todos.

MARLENE TEIXEIRA

Porto Alegre, PUCRS – 19 e 20 de agosto de 2004.

uma perspectiva comunicativa de análise do discurso, investe na noção de contrato de comunicação, condição para que os parceiros de um ato de linguagem se compreendam minimamente e possam interagir.

É Benveniste quem instala a primazia da enunciação sobre o enunciado e abre caminho para os estudos fundados sobre a oposição Eu/Tu, salienta Charaudeau (2001a). Benveniste, ao dizer que a subjetividade é a capacidade do locutor de se colocar como sujeito, afirma ser o *subjetivo* o ordenador da organização da linguagem, enfatiza o lingüista. Esse postulado encontra-se na base da Semiolingüística, teoria organizada por P. Charaudeau, a qual é construída tendo como fundamento a idéia de que todo ato de comunicação pode ser representado “como um dispositivo em cujo interior se encontra o sujeito falante (o locutor, que fala ou que escreve), que se situa em relação a um parceiro (o interlocutor)” (Charaudeau, 1992, p. 634).

Charaudeau compõe uma teoria dos sujeitos a partir dos postulados de Benveniste e de trabalhos como os de Bernstein, Halliday, Hymes, Fishman, Labov e Goffmann, nos quais termos como participantes, atores e parceiros podem ser encontrados. Essas teorias, afirma o lingüista, “obrigam toda teoria do discurso a se interrogar sobre a natureza dos seres sociais que participam das trocas languageiras” (Charaudeau, 2001a, p. 28). Benveniste propõe o discurso como “a linguagem posta em ação – necessariamente entre parceiros” (Benveniste, 1991, p. 284) e destaca que “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso” (id.ib. p. 286). Charaudeau (Charaudeau e Maingueneau, 2004, p. 310) chama a atenção, porém, para o fato de Benveniste não definir “se o locutor é um ser psicológico e social ou um puro ser da linguagem”.

Para contemplar essa diferenciação, Charaudeau, valendo-se da Antropologia, da Sociologia, da Etnometodologia, da Pragmática, postula um modelo de comunicação com dois espaços, um externo e outro interno. Ele vê o ato de comunicação como um fenômeno que combina o dizer e o fazer. Explica o lingüista:

O fazer é o lugar da instância situacional que se autodefine pelo espaço que ocupam os responsáveis deste ato. O dizer é o lugar da instância discursiva que se autodefine como uma encenação da qual participam seres da palavra. Esta dupla realidade do dizer e do fazer nos leva a considerar que o ato de linguagem é uma totalidade que se compõe de um circuito externo (fazer) e de um interno (dizer), indissociáveis um do outro (Charaudeau, 2001, p. 28).

Charaudeau trata de “sujeitos”, no plural, pois a oposição Eu/Tu, considerando os circuitos interno e externo da linguagem, implica a existência de quatro tipos de sujeito, os chamados “parceiros” e os “protagonistas”. Os primeiros são o “sujeito comunicante” e o “sujeito interpretante”, seres sociais e psicológicos, externos ao ato de linguagem, mas que nele se inscrevem. Esses parceiros, também denominados “locutor-emissor” e “interlocutor-receptor” (Charaudeau, 2001a, p. 643), são definidos por um certo número de traços identitários cuja pertinência depende do ato de comunicação considerado. Os protagonistas, por sua vez, são seres da palavra, internos ao ato de linguagem, e se definem por meio de seus comportamentos discursivos. São esses o “sujeito-enunciador” e o “sujeito-destinatário”, também denominados “locutor-enunciador”, ou simplesmente “enunciador”, e “interlocutor-destinatário”, ou “destinatário” (Charaudeau, 1992, p. 644). Os protagonistas, explica o lingüista, assumem diferentes faces de acordo com os papéis que lhes são atribuídos pelos parceiros do ato de linguagem em função da relação contratual.

Para Charaudeau, estabelece-se um contrato entre os indivíduos que pertencem a um mesmo corpo de práticas sociais, o que lhes permite acordarem quanto às representações languageiras dessas práticas. Complementa o lingüista:

Segue-se que o sujeito comunicante poderá sempre racionalmente supor do outro uma competência languageira de *reconhecimento* análogo ao seu. O ato de linguagem torna-se, assim, uma *proposição* que o EU faz ao TU e pela qual ele espera uma contrapartida de *conivência* (Charaudeau, 1983, p. 50).

Charaudeau (Charaudeau e Maingueneau, 2004) liga a noção de contrato à hipótese de intersubjetividade proposta por Benveniste, para quem a condição de intersubjetividade é “a única que torna possível a comunicação lingüística” (Benveniste, 1991, p. 293). A relação contratual, de acordo com Charaudeau (Charaudeau e Maingueneau, 2004), pode ser vinculada ainda ao postulado da polaridade das pessoas. Segundo Benveniste (1991, p. 286), “a polaridade das pessoas é na linguagem a condição fundamental, cujo processo de comunicação, de que partimos, é uma consequência totalmente pragmática”.

A relação contratual depende de três componentes que se tornam pertinentes pelo jogo de expectativas que envolvem o ato languageiro: (1) o comunicacional, que diz respeito ao quadro físico da situação interacional; (2) o psicossocial, concebido como “estatuto que os parceiros são suscetíveis de reconhecer um no outro”,

entre eles, idade, sexo, categoria sócio-profissional, relação de parentesco; (3) o intencional, que se relaciona a “um conhecimento a priori que cada um dos parceiros possui (ou constrói para si mesmo) sobre o outro, de forma imaginária, fazendo apelo a saberes supostamente partilhados” (Charaudeau, 2001a, p.31).

Aos componentes correspondem atitudes discursivas, as quais formam, como salienta Charaudeau, um dispositivo bastante complexo, denominado mais recentemente pelo lingüista como um “modelo de competência de linguagem” (Charaudeau, 2001b).

A organização de tal modelo parte do postulado de que “a construção do sentido, em qualquer ato de linguagem, procede de um sujeito que se dirige a outro sujeito, dentro de uma situação de intercâmbio específica, a qual determina parcialmente a seleção dos recursos de linguagem que possa utilizar” (Charaudeau, 2001b, p. 13). São três tipos de competência para o sujeito em três níveis: nível situacional e competência situacional, nível discursivo e competência discursiva, nível semiolingüístico e competência semiolingüística.

A *competência situacional* “exige que todo sujeito que se comunica esteja apto a construir seu discurso em função da identidade dos protagonistas do intercâmbio, da finalidade deste, de seu tema e das circunstâncias materiais” (Charaudeau, 2001b, p. 13). É essa competência que determina o que está em jogo num ato de linguagem. A *competência discursiva* “exige de cada sujeito que se comunica e interpreta a capacidade de manipular (Eu) – reconhecer (Tu) as estratégias de encenação que se relacionam às necessidades inerentes ao quadro situacional” (id., ibid., p. 15). Essas estratégias são de três tipos: enunciativas, enunciatórias e semânticas. As estratégias de *ordem enunciativa* delimitam a situação de enunciação: remetem às atitudes enunciativas que o sujeito constrói em função da situação de comunicação. As de *ordem enunciatória* remetem aos modos de organização do discurso: descritivo, narrativo, argumentativo. As de *ordem semântica* remetem ao entorno cognitivo compartilhado pelos parceiros da interação. A *competência semiolingüística* “é o lugar das escolhas lingüísticas que configuram o texto em que são ordenadas” (Charaudeau e Maingueneau, 2004, p. 453), de acordo com os elementos do quadro situacional e das exigências de organização do discurso.

Ao elaborar suas estratégias enunciativas, o sujeito utiliza-se de diversos procedimentos de encenação discursiva. Elas se referem às atitudes enunciativas que o sujeito falante constrói em função dos elementos de identificação e de inter-relação da situação de comunicação e em função da imagem de si mesmo que deseja

transmitir e da imagem que quer atribuir ao outro, elaborando um *eu* e um *tu* da enunciação que coincidem com esses elementos, ou que os ocultam. Remete-se aqui à idéia de Benveniste de que “não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo” (Benveniste, 1991, p. 288).

Na realização dessas estratégias está em jogo a modalização do discurso e a construção dos papéis enunciativos – de ordem elocutiva, alocutiva e delocutiva.¹ No ato elocutivo, o emissor revela sua própria posição em relação ao que diz, fazendo uso de marcas lingüísticas que explicitam essa posição, como pronomes pessoais de primeira pessoa, por exemplo. No ato alocutivo, o interlocutor se encontra implicado na enunciação, isto é, o discurso centra-se no *tu*, ao qual é imposto o conteúdo do tema. O ato delocutivo é marcado pela impessoalidade, pois o locutor deixa que o tema se imponha enquanto tal, não havendo marcas da presença nem do emissor nem do destinatário no ato enunciativo (Charaudeau, 1992, p. 574-575).

Na construção da ordem enunciativa do modelo, Charaudeau remete à noção conceitual de Pessoa, citando diretamente palavras de Benveniste: “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (Benveniste, 1966, apud Charaudeau, 1992, p. 119). Para Charaudeau, a Pessoa é uma categoria conceitual composta de seres que participam de um ato de comunicação, segundo diferentes papéis lingüísticos: a pessoa que fala (o locutor), a pessoa a quem se fala (o interlocutor), a pessoa de quem se fala (um terceiro, humano ou não). Os pronomes pessoais, ressalta, constituem o conjunto de marcas gramaticais que designam esses seres, sob certas condições de emprego. A pessoa que fala (o ser da fala) é, para ele, o enunciador construído pelo ato de enunciação do sujeito comunicante. D. Maingueneau e P. Charaudeau (2004, p. 201) chamam a atenção para o fato de que o enunciador é “ao mesmo tempo, a condição e o efeito da enunciação. Existe aí um paradoxo constitutivo, tornando, no entanto, possível pelo fato de o discurso ser um processo de sustentação recíproca entre o dizer e as condições desse dizer”.

¹ Segundo Charaudeau (Charaudeau e Maingueneau, 2004), essas categorias (alocutivo, elocutivo e delocutivo) são retomadas de Damourette e Pichon e de Pottier. Ele as define como “atos de enunciação ou atos locutivos, características da modalização do discurso” (id., ibid., p. 309). Para Benveniste (1991, p. 306), “delocutivo” é um verbo derivado de locuções, como o verbo saudar, que advém de “dirigir uma saudação”.

Charaudeau divide a categoria conceitual de Pessoa em duas instâncias: a da interlocução e a da delocução. A primeira relaciona diretamente locutor (Eu) e interlocutor (Tu) numa situação de comunicação particular, a qual torna precisas as posições que ambos têm um frente ao outro. A instância da delocução coloca em cena o terceiro, que é o assunto da interação. O terceiro se encontra, portanto, fora da instância de interlocução, é a não-pessoa de Benveniste. O lingüista ressalta que, contrariamente às marcas de interlocução, o *Ele* da delocução nada designa. *Ele* tem um papel anafórico, isto é, “remete a um terceiro (animado ou não, humano ou não) que é identificado pelo contexto ou pela situação (antecedente) e que se supõe conhecido do locutor e do interlocutor” (Charaudeau, 1992, 127).

A instância da Pessoa, segundo Charaudeau, remete à dupla identidade do locutor: “[...] uma identidade psicossocial e social, externa à linguagem, mas que participa dessa (por exemplo, ser presidente de um conselho), e uma identidade linguageira (por exemplo, ser o locutor que dá uma ordem, uma declaração: ‘A sessão está encerrada!’)” (Charaudeau, 1992, p. 133)). O lingüista observa que somente levando em consideração essas diferentes identidades do locutor e do interlocutor e suas relações, pode-se dar conta dos efeitos discursivos do ato de comunicação. Uma ordem endereçada a um jovem terá diferentes efeitos discursivos se o locutor que a profere é um jovem, um pai, um professor, um chefe, etc. Ou seja, o enunciador de uma ordem depende da posição de autoridade do locutor-emissor.

Charaudeau apresenta três domínios nos quais algumas ocorrências discursivas no emprego da categoria da Pessoa são particularmente visíveis: “as condições de coerência enunciativa, as transferências de pessoas e os gêneros discursivos” (Charaudeau, 1992, p. 133).

O primeiro trata dos “tipos de relações que devem existir entre locutor e interlocutor para que seja assegurada a coerência do discurso” (id., *ibid.*, p. 134). Por exemplo, quando o locutor-enunciador diz “eu bebo”, ele descreve sua própria ação. Gramaticalmente esse enunciado está correto, mas, do ponto de vista da comunicação, é preciso questionar em que condições o locutor pode descrever o que ele faz no presente do indicativo.

As transferências das pessoas dizem respeito à descrição dos procedimentos discursivos que consistem em designar uma pessoa da interlocução ou da delocução pela marca de uma outra pessoa que não aquela que está se enunciando num ato de comunicação. É o caso, por exemplo, do “eu” – “que, originalmente, designa um

locutor-emissor único que toma posse da palavra e que, ao mesmo tempo, assinala que o enunciado que segue deve ser remetido ao locutor-enunciador” (Charaudeau, 1992, p. 141) – que substitui uma outra pessoa. Ocorre, neste caso, uma apropriação ou identificação, cujos efeitos variam conforme os casos de transferência e os contextos.

No domínio dos gêneros discursivos, Charaudeau afirma que as situações e os comportamentos linguageiros em tais situações se caracterizam por um certo número de regularidades que permitem construir e reconhecer tipos de texto, os quais são mais ou menos normatizados quanto à utilização das marcas de pessoa. O lingüista destaca que, embora o locutor tenha sempre a possibilidade de jogar com as restrições de gênero, “todo texto é o resultado de uma confrontação entre as restrições do gênero e as estratégias escolhidas pelo locutor. As marcas de pessoa constituem os traços dessa confrontação” (Charaudeau, 1992, p. 156). Ele observa, no entanto, que não se deve concluir que este ou aquele emprego da Pessoa deva acionar obrigatoriamente a existência de um tipo de texto.

No tipo “texto científico”, que se organiza em vários gêneros produzidos em situações variadas (conferências, revista especializada, revista de vulgarização etc.), predomina a instância da delocução. Comenta Charaudeau (1992) que a credibilidade do discurso científico parece passar pelo apagamento do sujeito. A presença do *eu*, pela sua importância, isto é, pelo fato de designar um locutor único e por indicar que o enunciado deve ser remetido ao locutor, pode implicar uma certa polêmica, o que o discurso científico procura evitar. Porém, observa ele, esse procedimento varia conforme a disciplina científica, a situação de comunicação e as representações que uma comunidade cultural constrói acerca do que seja um discurso científico.

Nos gêneros que se encontram em manuais escolares (apresentação de conceitos e de regras, relatos de experiência, ordem de exercícios, resumos etc.), as instâncias da delocução e da interlocução estão presentes. Ocorrem enunciados impessoais, nos quais se designa um terceiro que representa a comunidade científica (*Diz-se que... Sabe-se que... etc.*), mas que envolvem o aluno-destinatário na operação mental em questão. Ocorre também, com frequência, a presença da primeira pessoa do plural, que designa o locutor que representa o saber, associado ao aluno-destinatário, que deve seguir um raciocínio de demonstração (*Admitamos o resultado seguinte...).* No gênero “ordem de exercício”, observa-se a presença do *tu/você*, que designa o aluno-destinatário (único, múltiplo) a quem se dirige a instrução.

No tipo de texto “político”, em seus variados gêneros (discursos, discussões de militantes, folhetos, comícios etc.), predomina, segundo Charaudeau (1992), a instância da interlocução. O lingüista registra a presença, especialmente, de *nós e tu*. O *nós* pode representar um chefe de estado e os cidadãos, o governo, um grupo político, um grupo de militantes. A presença do *tu/vocês* acontece quando o locutor se dirige a alguém (ou a alguns) que ainda não aderiram à causa. Além disso, no discurso político ocorre sempre a presença do adversário, que é designado, especialmente, por *ele*, ou que se encontra “escondido” numa forma impessoal.

Esses exemplos, nos quais as restrições do gênero atuam sobre as escolhas enunciativas do locutor, remetem, por um lado, à idéia de Benveniste de que “desde o momento em que o enunciatador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções” (Benveniste, 1989, p. 86). Charaudeau (2001b) considera esse postulado, ao tratar da competência semiolingüística. Ele afirma a necessidade de o sujeito que se comunica (e também daquele que interpreta) de dominar um saber-fazer em termos de construção gramatical que envolve o uso adequado de diferentes tipos de construção (ativa, passiva, nominalizada, impessoal), das marcas lógicas, do sistema dos pronomes, da modalidade e de tudo o que se relaciona ao “‘aparelho formal da enunciação’, assim como já dissera Benveniste (o sistema dos pronomes, verbos modais, advérbios, adjetivos e distintas locuções)” (Charaudeau, 2001b, p. 17).

Por outro lado, os exemplos servem de ilustração para o fato de que, na perspectiva da semiolingüística, que ancora o discurso no social ou no psicossocial, o locutor e o alocutário postulados por Benveniste (1989) não podem deixar de serem vistos como sujeitos inseridos numa situação de comunicação concreta. As características dos discursos dependem essencialmente das condições de produção situacionais “nas quais são definidas as coerções que determinam as características de organização discursiva e formal” (Charaudeau e Maingueneau, 2004, p. 251). Dessa forma, é preciso sempre considerar a complexidade da situação de comunicação da qual se originam as estratégias de enunciação.

Na semiolingüística, o subjetivo ordenador da organização da linguagem passa pela identidade enunciativa que o sujeito comunicante dá a si mesmo, a qual variará conforme os papéis que ele é levado a assumir em função das coerções da situação e de seus propósitos estratégicos.

Charaudeau parte de Benveniste para a organização de sua teoria dos sujeitos da linguagem, mas traz para a discussão a definição contratual do ato de linguagem, o que acaba por remeter a uma teoria do gênero, pois, como afirma Charaudeau (Charaudeau e Maingueneau, 2004, p. 132), “pode-se dizer que o conjunto de coerções trazidas pelo contrato é o que define um gênero de discurso”. Os gêneros são, assim, para Charaudeau, o ponto de articulação entre as coerções situacionais determinadas pelo contrato global de comunicação, as coerções da organização discursiva e as características das formas textuais.

Referências

- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral II*. São Paulo: Pontes, 1989.
- . *Problemas de lingüística geral I*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991.
- CHARAUDEAU, P. *Langage et discours*. Paris: Hachette, 1983.
- . *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.
- . Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato (org.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001a, p. 23-37.
- . De la competencia social y de la expresión. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, n. 1, 2001b, p. 7-22.
- ; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.